

## A PROFESSORA MARGARIDA TOMÉ

Os registos geológicos e arqueológicos confirmam a presença do pinheiro-bravo em Portugal há pelo menos 33 mil anos, mas só há pouco mais de século e meio é que o costume de, pelo Natal, enfeitar um pinheiro com flores, velas, bolas e frutos terá chegado ao nosso país. Margarida Tomé, professora no Instituto Superior de Agronomia (ISA) de Lisboa, não tem exatamente mais trabalho quando chega este altura do ano, mas é uma das pessoas em Portugal que mais sabem sobre a espécie.

A atual tradição foi importada por D. Fernando II, príncipe de Saxe-Coburgo, que se casou com a rainha D. Maria II em 1836. Reza a história que o príncipe animava os Natais da família real e dos seus sete filhos vestindo-se ele próprio de São Nicolau e distribuindo os presentes, como era tradição nas cortes germânicas, onde cresceu. A festa e os ambientes natalícios do Palácio da Pena, em Sintra, foram retratados pelo próprio rei artista em gravuras que pintou e onde o pinheiro de Natal já ocupa um lugar central.

Mas quais são as especificidades do pinheiro? E porque escolhemos esta árvore para a festa do Natal? Em Portugal, as espécies mais comuns são o pinheiro-bravo (*Pinus pinaster*) e o pinheiro-manso (*Pinus pinea*), mas também há pequenas manchas de pinheiro-sil-

vestre (*Pinus sylvestris*), de pinheiro-de-alepo (*Pinus halepensis*) e de pinheiro-insigne (*Pinus radiata*). O pinheiro-bravo, habitualmente usado para fazer as árvores de Natal, ainda é muito importante na floresta nacional: «Dos 3,2 milhões de hectares de floresta (cerca de 35 por cento do território), 714 mil são pinheiro-bravo (22 por cento da área florestal). Ocupa uma área ligeiramente inferior ao sobreiro (737 mil hectares) e ao eucalipto (812 mil hectares), mas nos anos 60 o pinheiro-bravo chegou a ocupar 1,2 milhões de hectares.»

Nas últimas décadas, a floresta portuguesa registou diversas alterações e a área ocupada pelo pinheiro-bravo foi muito afetada, sobretudo devido aos fogos florestais e ao nemátode da madeira, uma doença muito destrutiva e que já alastrou a todo o país. Mas a presidente do Conselho Científico do ISA destaca outra mudança. A dos hábitos de consumo dos portugueses: «Devido à forma e ao crescimento rápido, nem sempre os pinheiros-bravos têm o aspeto desejado para uma árvore de Natal e, por isso, muitas pessoas passaram a comprar outras árvores. O que muitas não sabem é que as que se vendem nas grandes superfícies não são pinheiros, são maioritariamente árvores dos géneros *Picea* ou *Abies* (abeto).» Mas na casa da professora a tradição mantém-se e o pinheiro continua a ser a sua árvore de Natal! **CÉLIA ROSA**

